



## NEIDE

O céu está limpo, não há nenhuma nuvem acima de nós. O avião, entretanto, começa a dar saltos, e temos de pôr os cintos para evitar uma cabeçada na poltrona da frente. Olho pela janela: é que estamos sobrevoando de perto um grande tumulto de montanhas. As montanhas são belas, cobertas de florestas; no verde-escuro há manchas de ferrugem de palmeiras, algum ouro de ipê, alguma prata de umbaúba — e de súbito uma cidade linda e um rio estreito. Dizem-me que é Petrópolis.

É fácil explicar que o vento nas montanhas faz corrente para baixo e para cima, como também o ar é mais frio debaixo da leve nuvem. A um passageiro assustado o comissário diz que "isso é natural". Mas o avião, com o tranqüilo conforto imóvel com que nos faz vencer milhas em segundos, havia nos tirado o sentimento do natural. Somos hóspedes da máquina. Os motores foram revistos, estão perfeitos, funcionam bem, e temos nossas passagens no bolso; tudo está em ordem. Os solavancos nos lembram de que a natureza insiste em existir, e ainda nos precipita além dela, para os reinos azuis da metafísica. Pode o avião vencer a montanha, e desprezar as passagens antigas que a humanidade sempre trilhou. Mas sua vitória não pode ser saboreada de perto: mesmo de baixo, a montanha ainda fez sentir que existe e à menor imprudência da máquina o gigante vencido a sorverá de um hausto, e a destruirá. Assim a humilde

lagoa, assim a pequena nuvem: a tudo isso somos sensíveis dentro de nosso monstro de metal.

A menina disse que era mentira, que não se via anjo nenhum nas nuvens. O homem, porém explicou que sim, e pediu que eu confirmasse. Eu disse:

— Tem anjo sim. Mas tem muito pouco. Até agora desde que saímos eu só vi um, e assim mesmo de longe. Hoje em dia há muito poucos anjos no céu. Parece que eles se assustam com os aviões. Nessas nuvens maiores nunca se encontra nenhum. Você deve procurar nas nuvenzinhas pequenas, que ficam separadas umas das outras; é nelas que os anjos gostam de brincar. Eles voam de uma para outra.

A menina queria saber de que cor eram as asas dos anjos, e de que tamanho eles eram. O homem explicou que os anjos tinham as asas da mesma cor daquele vestidinho da menina; e eram de seu tamanho. Ela começou a duvidar novamente, mas chamamos o comissário de bordo. Ele confirmou a existência dos anjos com a autoridade de seu ofício; era impossível duvidar da palavra do comissário de bordo, que usa uniforme e voa todo dia para um lado e outro, e além disso ele tinha um argumento impressionante: "então você não sabia que tem anjos no céu?" E perguntou se ela tinha vontade de ser anjo.

— Não.

— Que é que você quer ser?

— Aero-môça.

E começou a nos servir biscoitos; dois passageiros que estavam cochilando acordaram assustados porque ela apertou o botão que faz descer as costas das poltronas; mas depois riram e aceitaram os biscoitos.

— A baía de Guanabara!

Começamos a descer. E quando o avião tocava o solo, naquele instante de leve tensão nervosa, ela se libertou do cinto e gritou alegremente:

— Agora tudo vai explodir!

E disse que queria sair primeiro porque estava com muita pressa, para ver as horas na torre do edifício ali perto: pois já sabia ver as horas.

Não deviam ter lhe ensinado isso. Ela já sabe tanta coisa! As horas se juntam, fazem dias, fazem os anos, e tudo vai passando, e os anjos depois não existem mais, nem no céu, nem na terra.

CM - 14.8.53  
CR - 200e

## GENTE DA CIDADE

### Mário Filho, jornalista



MÁRIO Rodrigues FILHO nasceu no Recife, na rua da União, que, no seu tempo de garoto, chamava de rua do Leão. Veio para o Rio, em 1916, pegando a grande época das batalhas de confete da rua Dona Zulmira. Estudante e menino, acompanhava as campanhas políticas do pai e se entusiasmou, inicialmente, com a revolução de 1922. Em 1924, seu pai, Mário Rodrigues, foi preso no célebre Processo do Colar. Mário Filho levava todos os dias a marmita, na cadeia. Um dia, com a comida do pai, entregou um conto para o velho ler. Ficou meio emcabulado e não foi buscar a marmita. De noite, Mário Rodrigues mandou uma carta ao filho, pelo seu irmão Roberto dizendo que seu conto era uma obra-prima. Escrevia muito nessa época, mas ainda não era jornalista. Quando seu pai saiu do "Correio da Manhã" e fundou "A Manhã", foi que Mário entrou para o jornal contra a vontade paterna, que não queria filho jornalista. Com 17 anos, publicou "Bonecas", que vendeu 10.000 exemplares numa semana. Um ano depois, publicou "Senhorita 1950". Escolheu o título porque não encontrou época mais longínqua ou inacessível... Depois deixou de publicar livros, desconfiado de que o elogiavam por causa do pai. Em 1928, Mário Rodrigues fundou "Crítica". Foi aí que Mário Filho resolveu fazer jornalismo esportivo. O pai queria que ele fizesse a cobertura da Câmara dos Deputados, mas ele achava que, para esse setor, havia muita gente. As páginas esportivas de "Crítica" iniciaram então uma revolução no jornalismo. Acha que tudo que se faz hoje em esporte, se fez em "Crítica" e algumas coisas não se fizeram mais. Publicava então a vida do jogador em estilo de conto ou novela numa página interna. As entrevistas, as anedotas, o pitoresco, a vida dos torcedores: pare-dro é que não tinha vez no jornal. Em 1930, perdeu o pai e depois a "Crítica", na revolução. Com 22 anos, teve que se responsabilizar por duas famílias: uma, a dele, mulher e filho e a de sua mãe e os onze irmãos. Em 1931, entrou para "O Globo" e, em 1936, comprou o "Jornal dos Sports". Em 1938, fez, no "Globo Sportivo", os "Diálogos Impossíveis". Em 1941, quando "O Globo" passou para 500 réis, recebeu um apêlo de Roberto Marinho para fazer uma crônica diária. A seção saiu numa segunda-feira e, no domingo, não tinha título. O título que apareceu de repente foi "Da primeira fila". Durante sete anos, escreveu sem falhar um dia. Dessas crônicas, saíram os livros "Copa Rio Branco 32", "Histórias do Flamengo", "O Negro no Football Brasileiro" e "Romance do Football". Escreveu uma novela, "Um dia de trabalho", que está na gaveta, sem a menor pressa de publicar. Está escrevendo "Interpretação do Futebol", que explica, matematicamente, porque um jogo inglês se tornou no Brasil instituição nacional. É casado, tem um filho, Mário Júlio, também cronista esportivo. Considera-se um animal doméstico ("a única solução é o lar") e acha que ser avô é uma experiência maravilhosa. Seu maior "hobby" são os livros e com eles gasta grande parte do orçamento. Fuma charutos, tem automóveis com chofer e não gosta de viajar. Gosta é de conversar.

## SOCIETY

### Ibrahim Sued e um Festival de Cinema

● **COMO VOCES** já devem saber, por sugestão minha, e patrocinado por esta coluna e a "Reportagem Social" d'O Globo, no próximo ano, o Rio assistirá a um pequeno Festival de Cinema. Trata-se da Semana do Cinema Americano com a participação de 15 celebridades de Hollywood que aqui estarão em carne e osso, com o apoio do Prefeito Negrão de Lima, bem como o do novo diretor de Turismo. A Semana do Cinema Americano, tem o objetivo de divulgar a nossa cidade, e com isso, incentivar o turismo no Rio. Para concretização dessa idéia, conto com o apoio do meu amigo Jorge Guiple, que será o Presidente da Semana do Cinema Americano. Durante sete dias, serão exibidas películas inéditas, que concorrerão a um prêmio simbólico. Sobre esse assunto já conversei com o sr. Bob Corkery (vice-presidente da Motion Picture) e o sr. Harry Stone em benefício do turismo da cidade.

● **NA PRÓXIMA SEMANA** darei uma grande novidade aos meus leitores. \* Janet Gaynor e seu marido Adrian estiveram no Rio. Foram homenageados por esta coluna, e já estão de volta a Goiás, onde residem em sua fazenda. Janet e Adrian deviam ser condecorados pelo governo brasileiro pela grande promoção que fizeram para o Estado de Goiás, até então desconhecido, e hoje conhecido mundialmente. \* A bonita sra. Dolores Sherwood, ex-Guinle, está residindo na França, confirmando mais uma notícia que dei para vocês em primeira mão. \* No próximo mês, Paris terá a oportunidade de ver, novamente, um dos casais mais elegantes do Rio: Sr. e sra. Carlos Eduardo (Didu) Sousa Campos. Edith Piaff estréia dia 6 com uma noite de gala no Copa.

● **COLABORE** na campanha da construção da Igreja Copacabana. \* Houve controvérsias sobre os debates do deputado José Jofilo com D. Helder Câmara. \* A futura Princesa de Mônaco, a nossa muito conhecida Grace Kelly, será vizinha dos Monteiro de Carvalho: residirá ao lado da "Villa Bugas" de propriedade dos Carvalhos. \* Dia 8 (domingo próximo) estarei em Belo Horizonte, participando do júri que escolherá a "Glamour Girl" da sociedade de Belo Horizonte. \* "Decepção", o meu samba-canção gravado por Neusa Maria, já está à venda. Quero prevenir aos meus colegas, que têm duvidado da autoria, que bre-

O sr. e sra. Aluísio Muniz Freire. Ela, née Terezinha Alencastro Guimarães, uma das dez mulheres mais elegantes do Brasil. O casal em questão, é um dos mais simpáticos casais do "society" carioca. Sucesso sempre.

vemente sairá outro, gravado por Ester de Abreu, e mais um gravado por Caubi Peixoto. E o resto é piu piu.

● **COMO A "JOGADA"** é muito diferente, o jovem sr. João Batista Amaral Filho, mudando de cidade, também mudou de namorada. A "carioca" é uma belezoca. \* Fiquei realmente satisfeito em saber que o "Santa Paula Country Club" vai de vento em pôpa. \* O sr. Humberto Tavares é o novo presidente do Rio de Janeiro Country Club. ● O sr. Jango Goulart em seu programa de austeridade, foi visto apenas uma vez nesses últimos dois meses, no "Sacha's". \* Em novembro, acontecerá no Waldorf-Astoria a "Noite Brasileira" apoiada pelo colunista Cholly Knickerbocker. \* Vocês se lembram do jovem João Carlos Osório? Ele está em Hollywood tentando o cinema. \* O sr. Jânio Quadros continua muito "Shangay" nas suas maneiras de se trajar e apresentar-se em público. \* A bonita sra. Carlos (Lilian) Souza Gomes, de malas prontas para regressar aos "States" onde reside. \* Parece que realmente o meu amigo Luís Alípio de Barros está decididamente "in love".

● **E HOJE É SÓ** — Como sempre continuo contra o monopólio da Petrobrás, porque a "jogada" é muito diferente.

